

ESTILHAÇOS DE PERFORMATIVO: *BARTLEBY* E O OUTRO

Suely AIRES¹

- **RESUMO:** O personagem de Melville que dá título à novela *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, pronuncia uma frase enigmática sempre que interpelado: *I would prefer not to. Preferiria não*. Essa frase tem, segundo Deleuze, um caráter de fórmula tanto por sua gramaticalidade estrita e solene, quanto por arrasar o duplo sistema de referências da linguagem – constativo e performativo. Neste artigo pretendemos problematizar a relação entre eu, outro e performativo por meio da frase de Bartleby e das afirmações de Deleuze em seu ensaio *Bartleby, ou a fórmula*.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Melville. Bartleby. Deleuze. Lacan. Performativo. Outro.

I would prefer not to. Je préférerais ne pas. Preferirei di no. Preferiria não. A frase de Bartleby, personagem de Melville (2003, 2005) em *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, ecoa ao longo do livro até silenciar. Continua para além do momento de leitura obsedando o leitor, assim como havia obsedado o advogado e se infiltrado na fala dos demais personagens. Deleuze (1997) atribui um caráter de fórmula a esse *I would prefer not to*, cuja gramaticalidade estrita e solene gera estranheza. Sua literalidade, ainda segundo esse autor, produziria um efeito cômico e um apaixonamento do leitor. A meu

¹ UFRB – UFRB Universidade do Recôncavo da Bahia – Centro de Ciências da Saúde. CEP 44570-000 – E-mail: suely.aires@uol.com.br.

ver, o efeito é de estupor e comoção: o livro, a fala de Bartleby, insiste. Por seu término abrupto, por soar como uma anomalia, *I would prefer not to* mostra-se irreduzível, “como se tivesse esgotado a linguagem” (DELEUZE, 1997, p.82), mas também – e é este o ponto que buscarei destacar – recusa qualquer ato ao colocar o outro em suspensão.

PREFERIRIA NÃO. A fórmula tem variantes. Às vezes ela abandona o futuro do pretérito e se torna mais seca: PREFIRO NÃO, *I prefer not to*. [...] A fórmula tem dez ocorrências principais, e em cada uma pode aparecer diversas vezes, repetida ou variada. Bartleby é copista no escritório do advogado: ele não pára de copiar, ‘de maneira silenciosa, lívida, mecânica’. A primeira ocorrência se dá quando o advogado lhe diz para cotejar, reler a cópia dos dois escreventes: PREFERIRIA NÃO. A segunda, quando o advogado lhe diz para vir reler suas próprias cópias. A terceira, quando o advogado o convida a reler com ele pessoalmente, frente a frente. A quarta, quando o advogado quer mandá-lo fazer um serviço externo. A quinta, quando lhe pede para ir ao aposento vizinho. A sexta, quando o advogado quer entrar no escritório num domingo de manhã e se dá conta de que Bartleby dorme ali. A sétima, quando o advogado se limita a fazer perguntas. A oitava, quando Bartleby parou de copiar, renunciou a copiar qualquer coisa e o advogado o despede. A nona, quando o advogado faz uma segunda tentativa de despedi-lo. A décima, quando Bartleby foi expulso do escritório, está sentado sobre o corrimão do patamar e o advogado, enlouquecido, lhe propõe outras ocupações inesperadas (fazer a contabilidade de uma mercearia, ser *barman*, cobrar faturas, ser acompanhante de um jovem de boa

família...). A fórmula germina e prolifera. (DELEUZE, 1997, p.81-82, grifo do autor).

Nas diversas ocorrências encontramos o momento de desencadeamento da fórmula: uma ordem, pedido ou sugestão do advogado para o escriturário. Repetidamente *I would prefer not to* é pronunciado sem afetação, sem exageros, num tom ameno. “Depois da fórmula não há mais nada a dizer [...]” (DELEUZE, 1997, p.85). Quem não tem mais nada a dizer? Bartleby, em sua passividade após a resposta dada ao outro, ou o advogado estupefato? “O próprio advogado faz a teoria das razões pelas quais a frase de Bartleby arrasa a linguagem. Toda linguagem, sugere ele, tem referências ou pressupostos” [...] (DELEUZE, 1997, p.85). Deleuze aventa novas possibilidades: Bartleby arrasa o duplo sistema de referências – constatativo e performativo. “Ao falar, não só indico coisas e ações mas já realizo atos que asseguram uma relação com o interlocutor com nossas situações respectivas: mando, interrogo, prometo, rogo, emito ‘atos de fala’ (*speech acts*)” (DELEUZE, 1997, p.85, grifo do autor). Ambos – Bartleby e o advogado – silenciam, mas sustentam-se em posições distintas.

De um lado, Deleuze apresenta o performativo como auto-referencial, uma enunciação que não se refere senão a si mesma, cuja autoridade reside na primeira pessoa. De outro lado, como afirma Lacan (1998b, p.299),

[...] a forma pela qual se exprime a linguagem define, por si só, a subjetividade [...] refere-se ao discurso do outro. Como tal, ela se envolve na mais alta função da fala, na medida em que implica seu autor ao investir seu destinatário de uma nova realidade: por exemplo, quando por um “Tu és minha mulher” um sujeito marca-se como sendo o homem do *conjugo*.

Em que autoridade sustenta-se a frase de Bartleby? A fórmula *I would prefer not to* “[...] desarticula os atos de fala segundo os quais um patrão pode comandar, um amigo benevolente fazer perguntas, um homem de fé prometer” (DELEUZE, 1997, p.85). A recusa radical de Bartleby consiste – e aqui me diferencio de Deleuze – na exclusão de qualquer outro, para além dos atos de fala e da linguagem. É o outro, simultaneamente semelhante e diferente, que é elidido. “Bartleby é o homem sem referências, sem posses, sem propriedades, sem qualidades, sem particularidades [...]” (DELEUZE, 1997, p.86), mas que, por meio de sua frase, retira também do outro suas referências, qualidades e particularidades. E neste outro se pode reconhecer tanto o advogado-narrador quanto o leitor.

Sustenta-se aí a ilusão do advogado: em algum momento Bartleby irá fazer um gesto, um ato, “[...] uma decisão que coloque fim à ambigüidade da potência” (AGAMBEN, 1993, p.61) e que permita um lugar para si em relação ao outro-Bartleby. A frase *I would prefer not to* deveria, pois, enodar algo: *I would prefer not to be reasonable, I would prefer not to accept*. No entanto, deparamo-nos com um *to* que rompe seu caráter anafórico e repetitivo; ou seja, que não se refere a um termo precedente que venha a situar seu significado, nem tampouco a qualquer realidade, mas que perde toda referência ao retornar sobre si mesmo. “Anáfora absoluta, que gira sobre si, sem mais remeter nem a um objeto real, nem a um termo anaforizado (*I would prefer not to prefer not to...*)” (AGAMBEN, 1993, p.62). Esse deslizamento contínuo do *to* retira os apoios usuais da linguagem – como bem destaca Deleuze – mas também coloca em suspensão a particularidade de cada um dos interlocutores. Bartleby rompe a simetria entre sentido e referência proposta por um performativo, ao pronunciar uma fórmula que recusa o ato e o outro.

O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando. (LACAN, 1998b, p.301).

Nesse sentido, o fato da frase ser formulada no futuro do pretérito tem relevância, mesmo que consideremos algumas aparições tardias – em relação ao desenrolar da trama – no presente do indicativo. “Preferiria não fazer”, *I would prefer not to*, não se constitui como uma afirmação, nem tampouco verdadeiramente como uma negativa, já que sua ambigüidade gera uma “zona de indeterminação ou de indiscernibilidade” (DELEUZE, 1997, p.88). O futuro do pretérito marca o não realizado, aquilo que poderia ser, mas ainda não foi, que só pode ser no instante fulgurante de sua aparição – não por acaso, Lacan usa tal tempo verbal para se referir ao inconsciente. O *preferiria, I would prefer to* – ainda mais quando acompanhado de uma negativa, *preferiria não, I would prefer not to* – suspende a decidibilidade de uma ação, assim como a posição do interlocutor diante desta estranha frase. Sem um tempo que determine a ocorrência, sem uma última palavra para lhe dar sentido (LACAN, 1998a), a frase parece não se fechar.

É impositivo que o interlocutor inclua sentido para que a frase deixe de insistir e girar sobre si mesma. É necessário, como o fez o advogado-narrador, supor uma razão para as ações de Bartleby – uma

alteração em sua natureza ou constituição, o trabalho desesperado/desesperançoso na Seção de Cartas Extraviadas em Washington². Claramente o sentido atribuído é obra daquele que ouve.

Nunca pude verificar as fontes da história, portanto não posso dizer quão verdadeira ela é. Mas considerando que este relato vago não deixou de ter um estranho e sugestivo interesse para mim, embora triste, pode funcionar da mesma maneira com outras pessoas. (MELVILLE, 2003, p.95).

O enigma Bartleby, a ruptura do jogo intersubjetivo produzida por sua estranha enunciação, pode ser minorado se aí se articula um sentido, qualquer que seja, partilhado por vários – o advogado e seu apelo a outras pessoas, Turkey, Nippers, o leitor. Simples conclusão para o livro, metáfora cheia de efeitos:

Cartas extraviadas! Isso não se parece com homens extraviados? Pense num homem cuja natureza e má-sorte fizeram tender a uma pálida desesperança – pode qualquer trabalho parecer mais adequado para aumentar essa desesperança do que lidar continuamente com essas cartas extraviadas e classificá-las para as chamadas? (MELVILLE, 2003, p.96).

Ora, diferentemente do que se poderia facilmente supor, não é Bartleby que é colocado em questão³,

² No original em inglês encontramos “Washington’s dead letter office”, o que remete à dimensão de morte presente no ofício anterior de Bartleby e à conseqüente desesperança do personagem. Carone (2005) explora a equivocidade de tal construção.

³ Agamben (1993, p.82) alerta para a trivialidade dessa explicação psicológica – “[...] o estágio último, precipitado das circunstâncias, de uma disposição patológica” – por não colocar em questão a particularidade do modo de expressão do “lívido desespero” de

mas o destinatário da carta, pois, como nos lembra Lacan, mesmo extraviada, “uma carta sempre chega a seu destino” (LACAN, 1998a, p.45). Mas, de que destino se trata? Este é o ponto que me parece interessante problematizar: a enunciação de Bartleby, simultaneamente, recusa o outro – por sua atitude pétrea – e precipita sua inclusão – pela via necessária de construção de sentido para uma suposta irracionalidade. O destinatário da enunciação de Bartleby é qualquer um que se coloque como ouvinte da frase – sem ponto de chegada, anafórica, incompleta, estranha, anômala e tantas outras descrições possíveis – *I would prefer not to*. Essa estranha frase só é pronunciada quando Bartleby é interpelado por um outro. Poderíamos, por pura provocação, impedir o funcionamento do enigma: basta propor que ninguém interpele Bartleby, que ninguém “tenha interpelado” Bartleby; em nenhum momento ouviríamos a fórmula mágica; em nenhum momento haveria estranhamento diante do *I would prefer not to*. Sem interpelação⁴ (do outro) não há recusa (de Bartleby), tampouco haveria o brilhante texto de Melville... Mas o texto existe e insiste.

Já na prisão, Bartleby é apresentado ao “homem-da-bóia”, o qual havia sido pago pelo advogado para oferecer uma melhor refeição ao detento.

— Bartleby, este é o Sr. Cutlets; ele vai lhe ser muito útil.

— Seu criado, senhor, seu criado – disse o homem-da-bóia, fazendo uma profunda reverência com o seu avental. [silêncio de

Bartleby, bem como por encontrar ao final o que buscava desde o princípio.

⁴ É interessante atentar para a chegada de Bartleby ao escritório: “[...] um jovem que não se mexia surgiu, numa manhã, na entrada de meu escritório – como era verão, a porta encontrava-se aberta” (MELVILLE, 2003, p.28).

Bartleby]⁵ – Espero que o senhor considere o local agradável, senhor. Ambientes espaçosos, apartamentos frescos, senhor. Espero que o senhor permaneça conosco durante um tempo. Tente tornar sua estada agradável. Eu e a sra. Cutlets podemos ter o prazer de sua companhia para o jantar, senhor, na sala particular da sra. Cutlets? (MELVILLE, 2003, p.91-92).

Somente quando perguntado, Bartleby manifesta-se:

— Prefiro não jantar hoje – disse Bartleby, virando-se -, não me cairia bem. Não estou habituado a jantares – assim dizendo, caminhou lentamente para o lado oposto do pátio fechado e ficou parado encarando o muro. (MELVILLE, 2003, p.92).

A recusa de Bartleby se coloca para além da frase – há o virar-se, o caminhar para longe, o manter-se de costas encarando o muro... Suspensão/exclusão do outro, o qual ativamente se inclui pela via do sentido e pelo apelo ao jogo intersubjetivo.

— Como assim? – perguntou o homem-da-bóia, dirigindo-se a mim com um olhar de espanto. – Ele é estranho, não é?

— Acho que ele é um pouco perturbado – falei, tristemente.

— Perturbado? Perturbado, é? [...] (MELVILLE, 2003, p.92).

A seqüência – frase pronunciada por Bartleby; ausência de lugar para o outro; inclusão do ouvinte como agente pela via do sentido construído; estranhamento

⁵ A consideração entre colchetes é minha: quis destacar o surgimento de um novo travessão na fala do sr. Cutlets, o que parece indicar o silêncio de Bartleby.

e passividade de Bartleby – repete-se nas diversas situações nas quais se enuncia *I would prefer not to*. Essa seqüência, desencadeada pela interpelação, retira o lugar do outro no justo momento em que busca dar um lugar a Bartleby. A ilusão, constitutiva dos jogos intersubjetivos, é que, ao dar um lugar ao outro, tenho um lugar para mim; enuncio algo que, ao situar o outro, me situa, seja de forma negativa ou positiva. Neste ponto eclode a irracionalidade da frase de Bartleby, uma “*lógica da preferência*”⁶ que é suficiente para minar os pressupostos da linguagem” (DELEUZE, 1997, p.86, grifo do autor), mas que também retira a possibilidade de inclusão do interlocutor. *I would prefer not to*, antes de silenciar, espanta: é invariavelmente seguida de uma ou mais perguntas, sejam diretamente feitas a Bartleby, sejam feitas a um possível “aliado” na racionalidade do senso comum – “Prefere não fazer?” “Como assim?” “Por que você se recusa?” “O que você pensa disso, Turkey?” “Você pode dizer-me, Bartleby, onde nasceu?” A estas perguntas Bartleby não responde. Responde, então, o interlocutor: constrói sentido, recorre a um outro, atribui unicidade e loucura ao personagem de Bartleby, “o escriturário mais estranho que jamais vi ou de que ouvi falar” (MELVILLE, 2003, p.13).

Para além da seqüência desencadeada pela frase, cabe atentar para o corpo – Bartleby em sua atitude pétrea, virado de costas, diante do muro, “apatia que é puro *pathos*” (PELBART, 2003, p.44). O interlocutor estupefato, mas em movimento, fugindo, correndo, falando e, por fim, fazendo ato: fechando os olhos de Bartleby, após sua morte por inanição. O corpo de Bartleby se apresenta como quase inumano, tocando

⁶ A tradução proposta por Irene Hirsch – “Acho melhor não” – elide a dimensão de preferência presente na frase: sempre se prefere algo em relação a outra coisa, mas qual? Bartleby nunca respondeu a isso. Podemos considerar que a frase “Acho melhor não” remete ao pensamento e reduz o estranhamento e a irracionalidade da fórmula.

os limites da existência corporal, descrito como apático, lívido, pálido, quase cego, morto. Os demais personagens – Turkey e Nippers – são descritos pelo advogado de forma clara.

Turkey era um inglês baixinho e gorducho, mais ou menos da minha idade, ou seja, beirando os sessenta anos. Pela manhã, pode-se dizer, seu rosto tinha um alegre tom rosado. Entretanto, após o meio-dia – seu horário de almoço -, ele queimava como uma lareira repleta de brasas; e continuava ardendo do mesmo modo, mas arrefecendo-se pouco a pouco até aproximadamente as seis da tarde [...]. Nippers, o segundo da minha lista, era um jovem de barba, pálido e com um ar de pirata, de aproximadamente vinte e cinco anos. Sempre o vi como vítima de dois poderes perversos: ambição e indigestão. A ambição revelava-se por uma certa impaciência com as funções de um simples copista, uma usurpação injustificada de assuntos estritamente profissionais, como a redação original de documentos legais. A indigestão parecia revelar-se num ocasional mau-humor nervoso e uma irritabilidade irônica, fazendo com que seus dentes rangessem de forma audível com erros cometidos durante o expediente, maledicências desnecessárias ditas entre os dentes no calor do trabalho; destacava-se, especialmente, um descontentamento crônico com a altura da mesa em que trabalhava. (MELVILLE, 2003, p.17-22).

O corpo de Bartleby parece se ausentar da narrativa para melhor se destacar: nova indiferença e estranheza, ausência de humanidade, um “modo pálido e imóvel” (MELVILLE, 2003, p.88) de aquiescer. Ao existir por meio de seu corpo, Bartleby também

resiste. Passividade que gera impotência do outro – nada poder fazer diante da recusa de Bartleby; nada poder compreender desta loucura.

Somos como personagens de Beckett, para os quais já é difícil andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil de simplesmente se arrastar, e depois ainda, de permanecer sentado... Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não agüenta mais (LAPOUJADE apud PELBART, 2003, p.45).

Quem não agüenta mais parece ser tanto Bartleby quanto seu interlocutor. O que fazer? Precipitar-se. Diante da imobilidade de Bartleby, sair, correr – solução tão presente na narrativa – e supor Bartleby como irracional, aquilo que escapa ao propriamente humano e, mais uma vez, antecipar-se: "(1) Um homem sabe o que não é um homem; (2) Os homens se reconhecem entre si como sendo homens; (3) Eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem" (LACAN, 1998c, p.213). Àquele que ouve a frase de Bartleby cabe preenchê-la – supor a loucura de Bartleby, colocar uma palavra depois do *to* – ou ser por ela paralisado, enlouquecido, mortificado⁷.

A resposta dada pelo outro constrói sentido para a frase e para Bartleby, o institui como *um*. Mas a repetição da fórmula em situações distintas gera inquietude: tal repetição, mais do que garantir qualquer homogeneidade ou unidade a Bartleby, parece fragilizar o lugar de sua enunciação, destacando "a divisão inerente à primeira pessoa" (FELMAN, 1980, p.69) e deslocando conseqüentemente o outro. A frase estilhaça os sujeitos envolvidos. Em seguida, o narrador se recompõe e

⁷ "É como se Melville tivesse escrito: 'Basta que um homem seja irracional para que os outros o sejam e também todo o universo'" (BORGES, 1999a, p.126). Precavemo-nos cotidianamente disso.

pretende – ilusão compreensiva e totalizante – explicar psicologicamente Bartleby: ‘homem extraviado’. Nesse momento, Bartleby já está morto.

Poderíamos supor que a recusa formalmente presente na frase de Bartleby – *I would prefer not to* – é recusa ativa em sua enunciação, mas passiva pela posição subsequente que ele, o autor da frase, vem ocupar. Ele recusa o ato. E o outro? O outro é colocado em suspensão por não poder incluir-se nessa formulação como outra preferência sem relançar a demanda a Bartleby: não é possível dizer “eu preferiria que você fizesse”. A preferência restringe-se ao si mesmo, ao objeto, ao ato, mas não ao outro. Ao dizer “eu preferiria que você...”, a preferência torna-se demanda. Se o ato de fala implica o reconhecimento de uma pessoa por outra, bem como do objeto, a demanda implica que o outro me responda⁸, funcionando, necessariamente, como um pedido de reconhecimento.

De maneira esquemática, poderíamos dizer que o centro em torno do qual se movem essas funções da fala [reconhecimento mútuo, nomeação, performativo] é o ‘tu’, como destinatário, como espelho do ‘eu’, como plataforma que conduz à terceira parte, o terceiro termo, ao objeto da fala – àquilo de que se fala. (FORRESTER, 1990, p.112).

A fala de Bartleby não constitui espelho do eu, pelo contrário, provoca estranheza e ruptura. O que ele (me) diz parece não ser compreensível, escapa à idéia de qualquer funcionalidade da linguagem ou comunicação. Diante de um pedido ou ordem, ele simplesmente responde “preferiria não”. Estilhaça o performativo, elide o outro. Bartleby “não preferiria isso...” preferiria o quê? Não preferiria isso... de

⁸ “[...] chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder” (LACAN, 1998b, p.301).

que **isso** se trata? O que se engancha(ria) ao *to*? Relançamento constante da anáfora, giro sobre si mesma – *I would prefer not to prefer not to prefer not to...* A enunciação de Bartleby recusa o outro; este precipita sua inclusão – pela construção de sentido e pela formulação de uma demanda – que gera nova recusa de Bartleby e nova tentativa de inclusão. Novo giro ininterrupto que só terá fim – para os personagens da novela – com a morte de Bartleby. Mas o leitor sobrevive e o espectro de Bartleby, sua *frase-bomba* (CARONE, 2005, p.44) continuam a girar...

Um estilhaço...

Borges dizia que “Melville tinha, como Coleridge, o hábito do desespero” (BORGES, 1999b, p.550) e que *Moby Dick* era um pesadelo. Tomando tal imagem, poderíamos considerar Bartleby como um sonho típico: aquele no qual o sonhador não consegue se mexer, não consegue gritar por socorro ou, quando grita, não consegue se fazer ouvir. Bartleby seria, então, um sonho de angústia do qual, após alguns instantes – que parecem uma eternidade -, acordaríamos com o coração disparado e a comoção e o estupor do despertar.

AIRES, Suely. Performative fragments: Bartleby and the other. **Revista de Letras**, São Paulo, v.47, n.2, p. 133–158, jul./dez. 2007.

- **ABSTRACT:** *Melville's character, which entitles the novel Bartleby, the Scrivener: a story of Wall Street, pronounces an enigmatic sentence whenever inquired: I would prefer not to. According to Deleuze, that sentence has a character of*

formula by its strict and solemn grammaticality, as well as devastating the double system of language reference – performative and constative. This paper is aimed to discuss the relation among the performative, the other and I, through Bartleby's sentence and Deleuze's assertions in his essay Bartleby, or the formula.

- **KEYWORDS:** Melville. Bartleby. Deleuze. Lacan. Performative. Other.

Referências:

AGAMBEN, G. *Bartleby* ou della contingenza. In: BARTLEBY, la formula della creazione. Madrata: Quodlibet, 1993. p.43-85.

BORGES, J. L. Herman Melville: Bartleby. In: _____. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. São Paulo: Globo, 1999a. v.4, p.125-127.

_____. Herman Melville: Benito Cereno. Billy Budd. Bartleby, o escrevente. In: _____. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. São Paulo: Globo, 1999b. v.4, p.550-551.

CARONE, M. Bartleby, o escritor fantasma. In: MELVILLE, H. **Bartleby, o escritor**: uma história de Wall Street. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 39-46.

DELEUZE, G. Bartleby, ou a fórmula. In: _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p.80-103.

FELMAN, Sh. **Le scandale du corps parlant**: Don Juan avec Austin ou la seduction en deux langues. Paris: Seuil, 1980.

FORRESTER, J. O que o psicanalista faz com as palavras: Austin, Lacan e os atos de fala da psicanálise.

In: _____. **As seduções da psicanálise**: Freud, Lacan e Derrida. Campinas: Papirus, 1990. p.95-137.

LACAN, J. O seminário sobre A Carta Roubada. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998a. p.13-66.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998b. p.238-324.

_____. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998c. p.197-213.

MELVILLE, H. **Bartleby, o escrivão**: uma história de Wall Street. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Bartleby, o escriturário**: uma história de Wall Street. Porto Alegre: L&PM, 2003.

PELBART, P. P. O corpo do informe. In: _____. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003. p.42-51.